



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LUIZ FERNANDO MAINARDI**

**(depoimento)**

**2016**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-671

**Entrevistado:** Luiz Fernando Mainardi

**Nascimento:** 30/12/1960

**Local da entrevista:** Porto Alegre

**Entrevistadora:** Rejane Penna Rodrigues

**Data da entrevista:** 06/06/2016

**Transcrição:** Pamela Siqueira Joras

**Copidesque:** Rejane Penna Rodrigues

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 16 minutos e 30 segundos

**Páginas Digitadas:** 5 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação e envolvimento com a área do esporte e lazer; Aproximação com o Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Aproximação com o Programa Segundo Tempo (PST); Implantação do PELC e do PST em Bagé; Pessoas envolvidas; Demandas do Programa; Locais de atuação; Dificuldades enfrentadas; Desenvolvimento e impacto dos programas sociais; Legados dos programas sociais de esporte e lazer.

Porto Alegre, 06 de junho de 2016. Entrevista com Luiz Fernando Mainardi a cargo de Rejane Penna Rodrigues para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

R.R. – Ola Mainardi, inicialmente gostaria de saber qual é a tua formação e quais foram teus primeiros contatos com a área do esporte e do lazer?

L.M. – Sou advogado, pequeno produtor rural e tenho uma empresa, sou empresário. Neste momento sou deputado estadual.

R.R. – Como a temática do lazer apareceu na sua trajetória?

L.M. – Na busca da qualidade de vida que é o que todo gestor público tem que buscar. Eu era prefeito de Bagé e tinha preocupação permanente com a qualidade de vida da população. Qualidade de vida é saúde física e mental e o lazer faz parte da saúde mental.

R.R.- Como iniciou teu envolvimento com a área do esporte e do lazer?

L.M. – Logo que assumimos a Prefeitura de Bagé criamos um programa chamado Vila Olímpica era um programa para colocar os jovens no contraturno dentro dos espaços de recreação, de lazer e de esportes que existiam no município e que estavam vazios. Levamos ao Ministro de Esportes Agnelo Queiróz<sup>1</sup> e participamos a partir dali dos debates para a elaboração do Programa Segundo Tempo. O Segundo Tempo tinha características diferentes daquelas que imaginávamos e por isso quando surgiu a ideia do Ministério do Esporte de trabalhar o tema da questão do esporte associada ao lazer... Nos inserimos porque são programa que se complementam. O PELC<sup>2</sup> possibilita que tu trabalhe com setores da sociedade não incluídos nos Programa Segundo Tempo, por exemplo, os idosos, por exemplo os deficientes físicos. Nós criamos, portanto a partir disso o programa em Bagé de lazer e de esportes amplo com a participação de vários estratos da sociedade que até então não tinham esse tipo de encontro. Era a combinação do cuidado com o físico a partir do bem estar da sua alma.

---

<sup>1</sup> Agnelo dos Santos Queiróz Filho.

<sup>2</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

R.R – Como conheceu o PELC?

L.M. – Conheci desde a sua concepção quando começou a ser pensado em Brasília e em alguns momentos até demos nossa opinião em função da experiência que estávamos vivenciando em Bagé.

R.R – Como foi atuar junto ao PELC, quais as demandas exigidas pelo projeto?

L.M. – O PELC tinha uma característica que também era interessante que ele não era tão rígido em relação aos controles por parte do poder público como havia no Segundo Tempo. Por isso digo que ele é um Programa mais abrangente e ele é mais flexível para que, a partir da realidade vivenciada, a gente pudesse ir adaptando ele as circunstâncias.

R.R – Quais foram as pessoas envolvidas com a implantação do PELC?

L.M. – Foi feito com o Secretário de Esporte e outras Secretarias porque nós integramos outras secretarias no PELC. O PELC também, por exemplo, fez parte de uma estratégia para garantir mais saúde para as pessoas envolvidas. Havia troca de informações com profissionais da área da saúde. O PELC abrigou entre aqueles que o integravam, trouxe para as equipes alunos da rede municipal que precisavam de estímulo para continuar estudando e o PELC ajudou na busca da autoestima dessas pessoas, inclusive com reforço escolar. Nós tivemos o envolvimento da área que se integraram muito fortemente porque estavam desenvolvendo na prática aquilo que na teoria aprendiam que eram nossos alunos de Educação Física e os estagiários. Havíamos contratado dezenas de estagiários para implementar os nossos dez núcleos de esporte e lazer em Bagé.

R.R. – Como foram escolhidos os locais para a implantação do PELC?

L.M. – Todo o local onde nós pudéssemos reunir pessoas era bem vindo. Como nós tínhamos também o Programa Segundo Tempo com cinco núcleos, nós precisávamos de quinze: cinco do Programa Segundo Tempo e dez do Esporte e Lazer. Fomos atrás de todos os ginásios esportivos ou poliesportivos de Bagé e todos serviram aos nossos

programas, inclusive, três deles dos quartéis militares. Um dentro do espaço do Corpo de Bombeiros, onde criamos o bombeiro mirim que integrou o PELC. Criamos nos ginásios particulares, nos ginásios públicos, bastava ter uma área de cobertura e nós já estávamos lá montando um PELC e tinham núcleos que funcionavam em mais de um local para reunir e desenvolver atividades de recreação, de lazer, de entretenimento, de comunhão entre as pessoas para a prática do desenvolvimento físico, qualquer lugar é bem vindo. Nós chegamos a um momento de ter uma média de trezentos e cinquenta a quatrocentas pessoas atendidas, em média três mil e quinhentas pessoas devem ter participado do PELC. Porque no Segundo Tempo eram apenas duzentas por núcleo, mas no esporte e lazer não havia um número definido então nós podíamos ampliar. Se pensarmos nos dois programas chegamos a trabalhar com cinco mil integrantes. Se somarmos o Segundo Tempo, o Esporte e Lazer com outros programas como Roda Arte, como a ampliação do Instituto Municipal de Belas Artes, nós chegamos a ter seis mil alunos, a metade do número de alunos que tínhamos na rede municipal no contraturno, aquilo que poderia se denominar como escola em turno integral. Um turno com aulas formais e o outro turno com esporte, lazer, recreação, cultura. Chegamos a utilizar CTG's<sup>3</sup> para desenvolver projetos na área da cultura e na área também do lazer.

R.R. – Fale um pouco sobre o desenvolvimento do PELC, como ele impactou nas comunidades?

L.M. – O impacto foi, sem dúvida, muito grande. Nós tínhamos integrantes de todas as comunidades e nós adquirimos vários ônibus numa articulação com o SESI<sup>4</sup> nacional, e transportávamos, e mais ônibus que locávamos. Às vezes um bairro mais distante não tinha um equipamento para o desenvolvimento da prática do lazer e do esporte, então, as pessoas eram transportadas através desses ônibus. E o impacto foi grande, foi grande, por exemplo, no rendimento escolar: nós fomos diminuindo o índice de repetência nas escolas de Bagé. Chegamos a um índice altíssimo, tivemos no início do governo um índice altíssimo e fomos reduzindo praticamente pela metade e o índice de evasão escolar era muito grande, chegamos a ter um índice de evasão de 6.9% no primeiro ano do nosso governo, 6.9% foi o índice de evasão escolar e nós reduzimos para 1.9%. Os alunos não abandonavam mais a

---

<sup>3</sup> Centro de Tradições Gaúchas

<sup>4</sup> Serviço Social da Indústria.

escola e uma das razões é porque a escola passou a ser mais agradável e o PELC contribuiu para isso.

R.R. – Quais as dificuldades enfrentadas para o desenvolvimento do PELC?

L.M. – Nada que não fosse transponível, pequenas dificuldades todas superadas com esforço de uma equipe extremamente qualificada. Especialmente no ano em que a Ana Elenara Pintos<sup>5</sup> coordenou o PELC em Bagé e depois deu mais força ainda como Secretária<sup>6</sup> do nosso município.

R.R. – O que você destacaria no PELC?

L.M. – A felicidade das pessoas em ter uma ocupação sadia, agradável, o sorriso de quem estava em casa antes triste sem saber o que fazer. Como uma vez me disse uma senhora: “Estou muito feliz, antes estava triste porque estava entredada e agora estou aqui convivendo com as pessoas, fazendo exercícios e já estou até de olho no velhinho que não pára de olhar para mim [RISO]”.

R.R. – Quais os legados desse projeto para a sociedade?

L.M. – A sociedade deve compreender que um investimento dessa natureza não são gastos sociais são investimentos importantes porque dão qualidade de vida para todos, da criança ao idoso.

R.R. – Em sua opinião o PELC colabora com a inclusão social?

L.M. – Cumpre o papel de inclusão mais muito mais do que isso de despertar para a vida e de ver o quanto nós podemos ter de qualidade de vida na medida em que descobrimos as coisas boas da vida.

R.R. – O que pode ser feito para qualificar mais o Programa?

---

<sup>5</sup> Ana Elenara da Silva Pintos.

<sup>6</sup> Secretária Municipal de Esportes.

L.M. – Investir cada vez mais em equipamentos públicos, dotar as prefeituras de mais recursos, para que mais programas dentro do PELC possam ser executados, estímulo aos alunos e professores de Educação Física no sentido de desenvolvimento de novos projetos, premiando os projetos nacionalmente, interagindo com os núcleos e as cidades na busca de troca das experiências, da troca de informações do que se fez em cada município para a gente copiar aquilo que foi feito, aquilo que deu certo. Muito obrigado, até logo.

R.R. – Obrigada pela atenção e pela entrevista concedida.

[FINAL DA ENTREVISTA]